

O Estado de S. Paulo

29/5/1985

Passeata de bóias-frias em Bebedouro

AGÊNCIA ESTADO

Duas pessoas foram detidas e um carro da Fetaesp foi apreendido pela Polícia, ontem, em Bebedouro, a 80 quilômetros de Ribeirão Preto, no nono dia da greve dos apanhadores de laranja, que reivindicam melhor remuneração. Pela manhã, cerca de 500 bóias-frias saíram em passeata pelas ruas da cidade, a maior produtora de citros do País, e pediram o apoio dos 70 mil habitantes e dos políticos ao movimento.

"Em linhas gerais, tudo está calmo", garantiu o comandante do destacamento da PM, tenente Andreolli, afirmando que não houve nenhum incidente motivado pela paralisação. As detenções, negadas pela polícia foram por volta das 8 horas, quando os membros da comissão de greve do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bebedouro tentavam promover piquetes nas saídas da cidade e convencer os trabalhadores a não ir aos laranjais.

Os dois piqueteiros detidos — os irmãos Eduardo e César — foram liberados depois de passar pela Delegacia de Polícia, o que não aconteceu com o veículo da Federação dos Trabalhadores — uma Belina ano 79 — que até ontem à noite estava retida no pátio da delegacia.

"Essa violência não acaba nunca, meu Deus", desabafou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Fé do Sul, Valdomiro Cordeiro, também secretário da Fetaesp.

Os bóias-frias saíram em passeata, do Jardim Claudia, onde reside a maior parte deles, e foram até o centro da cidade, em quase três quilômetros de percurso, portando faixas pedindo melhores salários.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Os trabalhadores da construção civil de Curitiba entraram em greve ontem, reivindicando reajuste de 100% do INPC, 4% de produtividade, fim do contrato de experiência, fornecimento de refeições na empresa, redução da jornada de trabalho e reposição salarial de 22%.

A greve paralisou as principais obras no centro de Curitiba e mais de mil trabalhadores mantiveram-se reunidos nas escadarias do parque Afonso Botelho, no mesmo local onde se reuniram na primeira greve da categoria, em 1979.

A decisão de greve, segundo o presidente do sindicato, Antonio Santana, é consequência da intransigência dos empresários do setor, que se limitaram a oferecer 100% de reajuste, mais 2% de produtividade, muito abaixo do que teriam obtido os trabalhadores da construção civil se fossem beneficiados diretamente pelo aumento do salário mínimo decretado pelo governo. Antonio Santana contestou a argumentação dos empresários, de que não têm condições de repassar o aumento, mostrando que o novo salário mínimo, com INPC integral, mais 11% de aumento, já está embutido nos cálculos de custos. Para ele, "mudou muita coisa na Nova República, mas o cálculo de nosso salário é sempre o mesmo".

Os trabalhadores concordam em negociar alguns dos itens de sua pauta de reivindicações, como a questão da jornada semanal de 40 horas, "que poderá ser reduzida gradualmente". Outros itens como o fornecimento de refeições, segundo o presidente do sindicato, "não onerariam os patrões, porque queremos pagar pela comida, estamos apenas pedindo que as empresas garantam o fornecimento".

Até o início da noite os trabalhadores não receberam nenhuma contraproposta patronal, mas acreditam que poderá haver negociação em breve. Os sindicatos de trabalhadores na construção civil no interior já aceitaram a proposta patronal e a negociação ficará limitada apenas ao sindicato de Curitiba.

FEDERAÇÃO

Presidentes de 32 sindicatos de metalúrgicos do Interior reúnem-se hoje, a partir das 10 horas, na sede da Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, iniciando a campanha pela trimestralidade e redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais. O presidente da federação, Argeu Egydio dos Santos diz que a luta a ser desenvolvida pelos metalúrgicos será dura, mas acredita no "bom senso para se alcançar resultado positivo e, principalmente, na capacidade de negociação da categoria".

(Página 23)